



Um marxista em formação: militância estudantil, experiência de guerra e atuação política de Jacob Gorender no periódico comunista “O Momento” (Salvador, 1945-1946)

Carlos Fernando de Quadros*

São muitos os adjetivos que acompanham Jacob Gorender (1923-2013), cada qual carregando os seus significados particulares e específicos, dando conta de alguma dimensão de sua identidade: baiano, brasileiro, latino-americano, judeu, marxista, militante comunista, preso político, jornalista, historiador, intelectual. Tomar esses termos e categorias em separado, de forma estanque, pouco pode esclarecer, cabendo, sim, para o efetivo conhecimento de sua trajetória e do sentido que a mesma assume nos quadros em que se insere, compreendê-los em sua articulação em um todo, visto em processo, neste caso, o movimento de uma vida. Este homem viveu a maior parte do século XX, a chamada *Era dos Extremos*, como cunhava Eric Hobsbawm,¹ sendo participante ativo desse período histórico, da luta contra o fascismo à intervenção na cena pública brasileira nos seus últimos anos.

Neste texto, a proposta é dar conta de um momento bastante específico dessa longa trajetória. O foco é a atuação política que Gorender exerceu no jornal *O momento*. Veículo ligado (não oficialmente) ao então Partido Comunista do Brasil (PCB), *O momento* foi o único órgão de

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP). Estuda a biografia de Jacob Gorender, através do eixo de sua trajetória política e intelectual. E-mail: carlosfquadros@gmail.com.

1. HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995).

imprensa dessa agremiação a circular livremente no período ditatorial do Estado Novo. Surgiu em 1945 como uma iniciativa do Comitê Regional do PCB na Bahia, em um contexto de ascensão do “movimento patriótico e antifascista”, animado pelo desfecho da Segunda Guerra, com a URSS prestigiada enquanto vencedora nos embates contra o exército de Hitler. Nas palavras de João Falcão, militante que foi diretor e responsável pelo empreendimento:

Uma comissão nomeada pelo CR [Comitê Regional] ficou responsável pela sua organização e dela faziam parte Alberto Passos Guimarães, Aristeu Nogueira, João Batista de Lima e Silva e eu. O jornal deveria circular no mês de abril e seria orientado dentro dos princípios que norteavam a nossa luta de unidade das forças antifascistas e democráticas. Seria um órgão representativo dessas correntes e se proporia a lutar por anistia imediata, eleições livres e democráticas, legalização dos partidos, inclusive do Partido Comunista, e pela convocação de uma Assembleia Constituinte.²

Jacob Gorender foi presente nas páginas do novo periódico. Se de início aparece como um pracinha da Força Expedicionária Brasileira (FEB) com seu relato de combatente no solo europeu, logo após seu retorno a Salvador passa a contribuir com artigos variados: de análises da política contemporânea a considerações gerais sobre o marxismo.

Contextualizaremos a atuação comunista na Bahia, com acento especial na constituição da militância estudantil, que é onde Gorender foi recrutado para integrar o PCB. É dada atenção também à participação de Jacob Gorender na Força Expedicionária Brasileira, quando combate tropas do Eixo na Itália, experiência formadora em sua trajetória. É a partir dessa experiência que o militante comunista inicia a sua intervenção nas páginas do novo semanário *O momento*.

O Partido Comunista na Bahia

A classe operária baiana possuía um caráter quase embrionário se comparada ao quadro de outras unidades da federação, os trabalhadores urbanos ainda eram pequena minoria se comparados aos empregados em atividades agrícolas, mas sua presença não era nada ignorável. José Raimundo Fontes enumera as organizações de trabalhadores soteropolitanos, progressas aos grevistas de 1919 e imediatamente posteriores:

2. FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci*: 20 anos de clandestinidade (Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988. pp. 266-267).

[...] a dimensão sociopolítica decorrente da presença da classe operária no interior da estrutura sociorregional é fato que pode ser observado desde os fins do século XIX. Ao longo desse período, os trabalhadores baianos foram se afirmando enquanto agentes sociais com interesses específicos, desenvolvendo ações reivindicatórias em torno de questões materiais e salariais; estruturando associações e organismos beneficentes, culturais e sindicais diversos; elaborando e recepcionando discursos de caráter político-ideológico e participando de agremiações e do processo político-eleitoral. Episódios e experiências como a do Partido Operário (1890), da Federação Socialista Baiana (1903), da Greve Geral (1919), do Partido Socialista e da Federação dos Trabalhadores Baianos (1920-1921), a difusão do ideário anarquista (1920-1921), entre outros, amalgamaram a memória coletiva do proletariado regional, não silenciando batalhas e combates passados.³

Os anos de 1930 marcam a escalada do fascismo na Europa e as possibilidades de modernização, com variadas formas possíveis, no Brasil. Foram, em suma, tempos de agressiva disputa.

Este é o momento em que o marxismo-leninismo, uma produção oficial da *Komintern*, encontra-se em difusão. Difusão esta que no Brasil eclodiu com a Revolução Russa de 1917 e a Internacional Comunista formada dois anos depois. Cabe salientar que, orientado pela IC, o PCB, que se pretendia representante oficial do marxismo-leninismo, encontrava-se em situação de grande refluxo.

O refluxo do Partido Comunista se deveu, em grande parte, ao malgrado levante de 1935. Pouquíssima foi a articulação entre os revolucionários nas diferentes partes do país. Este evento marcou uma escalada repressiva no governo de Getúlio Vargas. O governo engendrou uma série de ações culminantes no fechamento de suas instituições, culminando na ditadura do Estado Novo.

Se o Partido Comunista foi quase arruinado nacionalmente durante tal processo, no alvorecer da década de 1940 ganham destaque alguns agrupamentos regionais, especialmente o baiano, atuante no cenário que aqui é objeto de atenção. Cita-se Edgard Carone:

3. FONTES, José Raimundo. Marighella e o movimento operário baiano no período da “redemocratização” (1945-1947). In: NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge (Orgs.). *Carlos Marighella: o homem por trás do mito* (São Paulo: Editora UNESP, 1999. pp. 292-293).

Entre 1941 e 1943 acabam de definir-se as diversas posições comunistas diante do conflito europeu e frente ao governo ditatorial de Getúlio Vargas. As divergências ocorrem em núcleos partidários isolados e não são confrontadas internamente, no seio do Partido Comunista do Brasil, pois este praticamente se desagregou após a prisão dos membros do Comitê Regional de São Paulo, em maio de 1939, e do Comitê Central, em abril de 1940. Sem possuir um órgão centralizador, sem poder funcionar de maneira unificada como rezava seus estatutos, o partido realmente encontra-se desarticulado, formado por núcleos esparsos, espalhados pela Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, e até no exílio, a maioria deles sem manter comunicação entre si, muitos praticamente desconhecendo a existência uns dos outros e as suas respectivas posições: é que a ditadura do Estado Novo não só prendera boa parte dos seus militantes, mas também infiltrara policiais no próprio movimento, fato que levava os ativistas a temerem contatos que pudessem pôr em perigo os seus quadros.⁴

Esta conjuntura agitada reverbera em Salvador. João Falcão, militante comunista desde o ano de 1938, fornece testemunho sobre o período:

Quase todas essas organizações tinham suas sedes nas imediações da Praça da Sé, em casarões velhos e mal iluminados, dando às suas reuniões, à noite, um ar de mistério e conspiração, pelo menos para mim. Depois passei a ir ao Bahia-Bar, também na Sé, frequentado por jornalistas, estudantes, políticos e literatos, em geral antifascistas e esquerdistas, como Walter da Silveira, Emanuel Assemany, Reginaldo Guimarães, Edson Carneiro, Aydano do Couto Ferraz, Clóvis Amorim, Alves Ribeiro, Dias da Costa, João Cordeiro, Luiz de Pinho Pedreira, Fernando Jatobá, Armênio Guedes, Arruda Câmara e outros.⁵

Dentre os envolvidos em agitações mencionados por Falcão, chamam atenção no relato os nomes de alguns militantes baianos que, anos depois, assumirão importantes posições no partido, como Armênio Guedes e Diógenes Arruda Câmara. Ambos eram estudantes, envolvidos

4. CARONE, Edgard. Introdução. In: _____. *O PCB*, v. II: 1943-1964 (São Paulo: Difel, 1982. pp. 1-10).

5. João Falcão foi militante do Partido Comunista por duas décadas, registradas em suas memórias, de título "O Partido Comunista que eu conheci". Nessa obra encontram-se importantes informações sobre a história do PCB na Bahia entre os anos de 1938 e 1957, merecendo destaque os relatos de Falcão concernentes aos órgãos locais de imprensa partidária: Seiva e O momento. Cf. FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci*. cit., p. 28.

na constituição de células estudantis do Partido Comunista entre os discentes locais. Ainda que essa agremiação florescesse mais na Bahia do que em outros territórios nacionais, não foi sem dificuldades que os comunistas tiveram que atuar ali.

Atuação estudantil no PCB

Jacob Gorender ingressou na Faculdade de Direito de Salvador no ano de 1941. Era uma das poucas opções de ensino superior naquele contexto. Não pôde iniciar seus estudos logo após o término do curso complementar pré-jurídico pois, a despeito de suas notas satisfatórias (alcançara a média 79 no conjunto das disciplinas cursadas),⁶ o jovem não tinha renda para a atividade intelectual. A resolução do problema veio com um emprego nos arquivos do jornal *O Imparcial*, órgão da grande mídia local, ocupação na qual logo foi promovido, passando a ocupar a redação do veículo. A atividade jornalística lhe garantiria um soldo suficiente para o seu acesso aos estudos superiores um ano depois. Na Faculdade de Direito, Gorender teve contato não só com leituras e aulas, mas, principalmente, com a organização política.

Nos primeiros anos da década de 1940 conhece o jovem Mário Alves, aluno do curso de ciências sociais e militante do Partido Comunista do Brasil. Ambos possuíam apenas 19 anos. De origem abastada, oriundo da oligarquia sertaneja, o jovem Alves iniciou sua participação no movimento comunista em 1939, ainda estudante no Ginásio da Bahia, em um contexto de enorme politização - enquanto o Estado Novo exercia feroz repressão, jovens e trabalhadores se mobilizavam por circunstância das agitações contra a guerra em início, via de regra marcados por posições político-ideológicas extremadas: de um lado, o integralismo brasileiro, variante nacional da extrema-direita europeia; de outro, a influência do socialismo como oposição à ordem instituída e, principalmente, à ofensiva fascista internacional.⁷

O recrutamento de Gorender para o PCB se deu em circunstâncias clandestinas, como cabia a um partido ilegal e perseguido em tal conjuntura. Constituíram uma célula estudantil Mário Alves, Jacob Gorender e Ariston Andrade.

6. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Ginásio da Bahia. Certificado de conclusão do curso complementar - 2º ano pré-jurídico (1940).

7. FALCÓN, Gustavo. *Do reformismo à luta armada: a trajetória política de Mário Alves 1923-1970* (Salvador: EDUFBA/Versal Editores, 2008).

João Falcão, que também foi estudante na mesma Faculdade de Direito, em suas memórias, dá uma indicação do que poderia ser engajar-se no marxismo em tal espaço:

Ao mesmo tempo em que ia aprendendo o saber jurídico, através do estudo e das aulas de excelentes professores, ia conhecendo o pensamento filosófico em geral e a doutrina marxista, avançada corrente de pensamento do mundo moderno, lendo os livros que me chegavam às mãos e devorando-os como um faminto.⁸

A célula estudantil era de responsabilidade direta dos envolvidos, dos locais para reuniões ao funcionamento orgânico. Espaço de articulação dos alunos comunistas, servia para estes tocarem a atuação partidária e organizarem as suas candidaturas a cargos nas variadas entidades estudantis locais, onde faziam o chamado trabalho em frente legal, junto às massas. Já o trabalho ilegal, clandestino, este era no âmbito direto do Partido, regido sob outras hierarquias e envolvendo maiores dimensões.

A composição inicial de uma célula estudantil era a seguinte: secretário, tesoureiro e *agitprop*. Falcão narra que duas eram as recomendações dos comunistas mais experimentados: cautela com os alunos que possivelmente estivessem espionando os colegas para a Delegacia da Ordem Pública e Social, e a leitura de *Os Fundamentos do Leninismo*, de Stálin, com especial atenção no capítulo dedicado ao Partido.⁹

Guerra: uma experiência política

Tomar parte no conflito militar desenvolvido em solo europeu não foi uma resolução oficial do PCB, porém alguns de seus militantes podem ter sentido algo como uma “obrigação moral” de combater as tropas nazifascistas. Esse sentimento, além da franca oposição ideológica que se apresentava entre a construção do socialismo na URSS e a reação extremada na Alemanha, aflora em especial após os jovens comunistas brasileiros serem publicamente desafiados pelo general Dermeval Peixoto, Comandante da 6ª Região Militar. O oficial provocou os estudantes, pelo papel importante que eles assumiram nos grupos de pressão para que o Brasil rompesse com sua posição de neutralidade e ingressasse na Guerra, a participarem ativamente das batalhas em além-mar, voluntariando-se.

8. FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci*, cit., p. 35.

9. *Ibidem*, pp. 40-42.

As mobilizações antifascistas e pela entrada do Brasil na Guerra formaram uma oportunidade nova de atuação perante as massas para o Partido Comunista. Os jovens militantes em Salvador tomaram posição firme nas manifestações populares posteriores ao afundamento das embarcações brasileiras.

Neste mesmo período o PCB, que se encontrava reduzido a algumas atuações de âmbito local (destaca-se a situação baiana), passa por um processo de rearticulação. Na chamada Conferência da Mantiqueira, militantes até então anônimos buscam superar o processo de fragmentação sofrido com a repressão do governo Vargas e formam a Comissão Nacional de Organização Provisória. De acordo com Daniel Aarão Reis:

Com o apoio de Prestes, proclamado, mesmo ausente, secretário-geral do Partido, definiu-se então uma proposta política de união nacional na luta contra o nazi-fascismo. Prevalencia a ideia de que era preciso compor a mais ampla aliança, incluindo o governo ditatorial existente, o mesmo que havia torturado, massacrado e assassinado muitos comunistas, o mesmo que entregado aos nazistas, que a mataram, Olga Benário, militante exemplar e a própria mulher de Prestes. Nada disto era ignorado, ou esquecido, mas os comunistas da CNOP estavam convencidos de que esta era a proposta politicamente adequada porque favoreceria o avanço das lutas sociais, do pensamento progressista e da organização das esquerdas e do Partido Comunista em particular.¹⁰

Com a tomada de posição do Brasil frente à Guerra em curso, foram enviados 25.334 homens para batalha, ao lado dos Aliados, na Europa. Eis a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Entre os participantes de tal processo encontra-se Jacob Gorender. Muitas são as experiências e fortes são os efeitos que a atuação como pracinha acarretou para Jacob Gorender. Pode ser citado o respeito com que passa a ser tratado; afinal, tornou-se comum reverenciar os heróis da democracia que se arriscaram em além-mar pela derrota do fascismo internacional.

Com o final do conflito na Europa o clima político era esperançoso, com um horizonte de expectativas alto entre os democratas. Percebe-se isso na leitura de “Uma nova era de paz”,¹¹ artigo de Gorender publicado no

10. REIS, Daniel Aarão. Entre reforma e revolução. A trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943 e 1964. In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *História do marxismo no Brasil*, v. 5: Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960 (Campinas: Editora da Unicamo, 2007. pp. 73-108).

11. GORENDER, Jacob. “Uma nova era de paz”. In: *O momento* (Salvador, Bahia: 09/07/1945. pp. 2 e 7).

jornal da FEB originalmente e reproduzido em *O momento*. O periódico estava em seus meses iniciais. O texto é datado de meados de 1945 e nele encontram-se presentes alguns importantes elementos da linha política de colaboração entre as classes progressistas proposta então pelo PCB. Possui uma tônica de oposição ao que chama de “argumentos derrotistas”, baseada no que considera “um golpe decisivo” sofrido pelo imperialismo com a derrota recente da Alemanha. Há uma garantia de paz duradoura posta nas relações internacionais a partir de então, com vistas ao desenvolvimento, de cores democráticas e progressistas das nações latino-americanas.

Quais as conclusões políticas aventadas com o quadro que então se apresentava? As proposições de ação encontram-se sintetizadas na citação a seguir:

Todas essas conclusões não serão, todavia, completas, se à sua base não colocarmos o processo de unidade nacional das forças democráticas e progressistas, o qual, desde os primeiros momentos da guerra de libertação, vem modificando a estrutura social das nações. A coexistência pacífica dos povos, durante a próxima era de paz, terá a sua base mais importante na coexistência pacífica das classes progressistas, dentro de cada povo, condicionando a próxima fase de desenvolvimento da democracia amplamente popular. O caminho nesse sentido é somente o da unidade nacional. Através da fórmula de união nacional das forças democráticas e progressistas, poderemos compreender de que maneira se criou uma situação inteiramente nova - no campo das relações de classe. [...] A base da nova era de paz, estimulada e fecundada pelo sangue dos combatentes de tantas nações, estará, por conseguinte, como sua condição fundamental e garantia máxima, a união nacional dos povos, vanguardada pelas forças democráticas e progressistas.¹²

***O momento*: órgão de articulação política dos comunistas baianos**

Se os comunistas, em geral, eram tidos como figuras libertadoras no pós-guerra, também algumas glórias particulares obtiveram os indivíduos que atuaram diretamente na Segunda Guerra. Jacob Gorender relembra, em entrevista de 1990, que os soldados que retornaram ao Brasil foram saudados por ninguém menos que Luiz Carlos Prestes, o *cavaleiro da esperança*.

Nas páginas de *O momento*, Gorender figura entre os principais soldados a retornarem da Europa, contribuindo com textos de punho próprio para relatar as experiências bélicas, bem como sendo entrevistado em seu retorno à Bahia. Retorno este celebrado, por exemplo, pela União dos Estudantes

12. Idem, p. 7.

da Bahia (UEB), organização na qual atuou quando estudante e que provavelmente tinha comunistas entre os seus dirigentes atuais. Na sessão “Juventude em Marcha”, é anunciada a promoção, pela UEB, de uma “festa dançante” em homenagem “*ao estudante pracinha, um dos muitos universitários que hoje constituem motivo de orgulho para a juventude brasileira*”.¹³ Em artigo seu datado de setembro de 1945, já de volta a Salvador e afastado das armas, o jovem militante é apresentado como “*Ex-voluntário da FEB e dirigente estadual do PCB*”.¹⁴ Não é pequeno o seu prestígio frente aos camaradas de outrora: recém retornado do *front*, já é integrado como secretário de *O momento*.

O primeiro cargo de destaque que Jacob Gorender ocupa nas instâncias comunistas é em *O momento*: após outras contribuições escritas suas, torna-se o seu redator-chefe. É possível que a atuação de Gorender enquanto redator-chefe em *O Momento* tenha chamado a atenção da direção partidária nacional do PCB. Com menos de 23 anos o militante baiano é convidado a integrar a redação de *A classe operária*, veículo mais importante de tal partido, na capital brasileira.

O historiador Lincoln Secco, em seu estudo *Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas ideias*, afirma que Gorender foi pioneiro no PCB ao apresentar “[...] conteúdos, ainda que dispersos, da política de Gramsci como dirigente do PCI”.¹⁵ É nas páginas de *O momento* que esses conteúdos vêm a lume, antes de ganharem maior visibilidade no jornal *Tribuna Popular*. Foi uma trilogia de nome “A nova democracia italiana” que cobria desde as relações materiais às insurreições no Norte, sem esquecer de examinar o Partido Comunista local, então comandado por Palmiro Togliatti e marcado pela memória de Antonio Gramsci. De acordo com Secco, ali se encontravam elementos característicos da chamada “apropriação ‘comunista’” do dirigente italiano: “contrário ao trotskismo, *homem de partido*, propugnador de alianças com forças sociais e políticas não-proletárias, inspirador máximo de Palmiro Togliatti, inimigo do sectarismo de Bordiga”.¹⁶ Esta imagem de Gramsci, na conclusão do autor, vai se perpetuar nas instâncias do PCB por um bom período, modificada apenas a partir do início da década de 60, quando o partido ensaia uma tímida abertura intelectual, ao mesmo tempo em que perde o monopólio do pensamento marxista no Brasil.

13. Juventude em Marcha. *O momento*. Salvador, Bahia: 10/09/1945. p. 4.

14. GORENDER, Jacob. “O marechal Mascarenhas”. In: *O momento* (Salvador, Bahia: 19/09/1945. p. 3).

15. SECCO, Lincoln. *Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas ideias* (São Paulo: Cortez editora, 2002. p. 17).

16. Idem.

A conexão que esse escrito de Gorender possui com os desenvolvimentos do movimento comunista internacional, expressos no Brasil pela política do PCB, chama atenção. Se atentarmos a outros militantes escrevendo no mesmo veículo, é possível perceber mais outras características daquele período, como o apelo à unidade. Pedro Pomar, por exemplo, que era então membro da Comissão Executiva do partido, escreveu “*O Partido Comunista e a união nacional*”.¹⁷

Jacob Gorender, no início do ano de 1946, está entre os artífices da transformação do então semanário em um jornal diário. É ele quem torna a decisão pública, em artigo onde demarca qual a posição política de *O momento* perante seus leitores e a sociedade em que se encontram:

Não nos alimentamos do dinheiro de camarilhas reacionárias ou do capital financeiro colonizador, aliás sempre tão interessado em ter à sua mão a imprensa nacional. O momento é um órgão independente que não vendem as suas colunas, um órgão ao serviço da classe operária e de todas as camadas progressistas, inclusive da burguesia interessada na defesa da democracia e da emancipação política do país. As causas que defendemos, os problemas que levantamos desagradam profundamente aos remanescentes do fascismo, aos agentes dos grandes monopólios imperialistas, aos especuladores que enriqueceram com a miséria do nosso povo, a todos, enfim, que representam o atraso, o desejo de conservar um sistema de exploração, que os novos tempos, as novas forças econômicas e políticas estão arrebentando, impetuosamente. Em compensação, porém, as causas que defendemos, os problemas que levantamos ferem de cheio a raiz dos grandes sofrimentos das massas trabalhadoras, desmascaram a demagogia dos inimigos do povo, recebem a calorosa solidariedade da classe média e provocam, ao mesmo tempo, um vivo interesse na burguesia esclarecida e progressista.¹⁸

Tal trecho não deixa de reverberar novamente a ideia de unidade, termo padrão entre os comunistas, sendo a tônica de seu discurso e prática. Ao escrever sobre a vitória chinesa em sua guerra de libertação (“A China quebra os elos do imperialismo”), Gorender dá acento à direção marxista-leninista do Partido Comunista Chinês, a qual soube fugir de “cambalachos oportunistas” e lidar com as massas, operárias e camponesas.¹⁹

17. POMAR, Pedro. “O Partido Comunista e a união nacional”. In: *O momento* (Salvador, Bahia: 31/12/1945. p. 2).

18. GORENDER, Jacob. “Um jornal em contacto com as massas”. In: *O momento* (Salvador, Bahia: 11/02/1946. p. 2).

19. GORENDER, Jacob. “A China quebra os elos do imperialismo”. In: *O momento* (Salvador, Bahia: 11/03/1946. p. 2).

A situação dos “países coloniais” é uma preocupação presente para os marxistas brasileiros, como fica claro com o texto há pouco citado. Em novo artigo (“A defesa da paz exige uma luta sem recuos”), o autor retoma o tema – esboçado em sua primeira contribuição a *O momento* – da conjuntura internacional favorável ao estabelecimento da paz com o fim da Guerra. Se o imperialismo, em sua leitura, procura avançar ferozmente, o socialismo em construção “na sexta parte do globo” é um fator novo, uma “*antítese plenamente desenvolvida*”. Fator novo este que ganha força, no estabelecimento da era de desenvolvimento pacífico, com “[...] o proletariado, cada vez melhor organizado e mais unido, fazendo uma política de classe nas próprias nações imperialistas, e o movimento de libertação nacional dos povos coloniais e dependentes, atingindo o máximo de sua força”.²⁰

Contra as forças imperialistas, cabia fortalecer a indústria em uma luta nacional, sentido de reivindicações animadas nas páginas do periódico baiano. “Esta luta é de todo o povo!”, exclama Gorender, autor de mais um texto pautado na lógica de união nacional, tão característica do Partido Comunista no período de brevíssima legalidade que viveu antes de sua cassação. Se *O momento* é um jornal pautado na linha do PCB, a campanha pela sua manutenção busca envolver camadas amplas da população. Nas palavras do então “secretário da comissão nacional pró-imprensa popular”:

A fase final da campanha depende, entretanto, da nossa coragem de nos dirigirmos à grande massa, às milhares de pessoas que não conhecemos pessoalmente. Devemos sentir que é uma honra pedir dinheiro para “O Momento” e perder toda a timidez diante das pessoas desconhecidas. Isso porque sabemos que “O Momento” pertence a todo o povo, aos trabalhadores sem partido, às donas de casa, aos funcionários públicos, aos pequenos comerciantes e à burguesia progressista. Temos exemplos de centenas de pessoas de várias classes sociais, que longe estão de ser comunistas e que, entretanto, contribuíram com a maior satisfação, assinando cheques ou comprando bônus, a partir de um cruzeiro, porque sabiam que estavam ajudando o jornal que combate a carestia da vida. Não são os comunistas somente, que sofrem com a carestia da vida. Ela atinge também, seriamente, dezenas de milhares de não comunistas, que possuem, por isso, o interesse de ver assegurada a existência de “O Momento”.²¹

20. GORENDER, Jacob. “A defesa da paz exige uma luta sem recuos”. In: *O momento* (Salvador, Bahia: 12/06/1946. p. 3).

21. GORENDER, Jacob. “Levar a campanha a todas as casas”. In: *O momento* (Salvador, Bahia: 28/09/1946. p. 3).

Considerações finais

União nacional contra o imperialismo e remanescentes do nazifascismo derrotado na Europa, eis a tônica dos escritos políticos de Jacob Gorender em *O momento*. Refletiam as posições de seu Partido e os rumos assumidos pelo movimento comunista internacional em tal tempo. Eram textos que conviviam lado a lado com caricaturas de integralistas, propagandas de outros periódicos comunistas contemporâneos, como *Tribuna Popular* e *A classe operária*, e notícias referentes aos times de futebol locais e chamadas para festividades populares.

O momento não foi uma iniciativa de todo nova. Anos antes já surgiu, das mãos dos mesmos quadros comunistas baianos, a *Revista Seiva*. Essa foi a inspiração para o Comitê Regional tomar a iniciativa de publicar um semanário. Gorender homenageava Castro Alves em tal revista, na mesma época em que fora recrutado para o PCB. Cita-se:

Ele é um dos nossos. É um dos milhões de jovens que se levantaram e empunharam as armas para defender o legado espiritual da dignidade humana. É um dos milhões de combatentes que, no mundo inteiro, se entregam ao sacrifício pela sobrevivência de liberdades conquistadas com tanto sangue. De todos os soldados em armas contra o fascismo, é ele o mais exaltado, o mais heroico e o mais clarividente. É aquele que nos conduz aos frêmitos do perigo, aquele que nos ensina a serena permanência nos postos de combate, aquele que envia, em sons multiplicados, a nossa decidida resposta aos trãnsfugas e aos falsos profetas. Ele é Castro Alves. O maior cantor do continente americano está conosco. Sentimos, em todos os setores da luta, a sua viva presença. Através de todos os combates em que nos empenhamos, estamos sempre a divisar o seu vulto de gigante invicto. [...] Nesse momento decisivo da nossa história, sua presença imortal está na aclamação das ruas, no clamor das multidões, no entusiasmo dos jovens. E nesta hora de profundas transformações, Castro Alves não é um vulto do passado e sim um vanguardeiro do futuro.²²

Jovem militante, Jacob Gorender chegou a cogitar retornar aos bancos da Faculdade de Direito que interrompeu para servir ao exército – como é atestado em carta de seu punho enviada ao diretor da referida instituição.²³

22. GORENDER, Jacob. “Castro Alves – Guia dos combatentes da liberdade”. In: *Revista Seiva*. Ano III, Outubro de 1942, sessão “História, arte e literatura”. pp. 38-39.

23. Neste manuscrito, datado de março de 1946, Gorender pede matrícula na disciplina de “Direito Civil, 3º ano”, da qual era dependente, tendo em vista concluir o 4º ano de Direito, ao qual foi promovido, por lei, dada a sua participação na Guerra.

Sua participação em *O momento* lhe conferiu destaque pessoal, é a hipótese aqui presente. O suficiente para explicar, é possível supor, o convite que ele recebe para integrar a redação de importantes publicações comunistas no Rio de Janeiro e o secretariado metropolitano do PCB, onde se gestava uma iniciativa editorial concernente aos novos tempos que pareciam se avizinhar. Mas essa é outra história!

Referências Bibliográficas

CARONE, Edgard. *O PCB*, v. II (1943-1964). São Paulo: Difel, 1982.

FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988.

FALCÓN, Gustavo. *Do reformismo à luta armada. A trajetória política de Mário Alves 1923-1970*. Salvador: EDUFBA/Versal Editores, 2008.

FONTES, José Raimundo. “Marighella e o movimento operário baiano no período da “redemocratização” (1945-1947)”. In: NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge (Orgs.). *Carlos Marighella: o homem por trás do mito*. São Paulo: Editora UNESP, 1999. pp. 289-319.

GORENDER, Jacob. “Uma nova era de paz”. In: *O momento*. Salvador, Bahia: 09/07/1945. pp. 2 e 7.

_____. “O marechal Mascarenhas”. In: *O momento*. Salvador, Bahia: 19/09/1945. p. 3.

_____. “Um jornal em contacto com as massas”. In: *O momento*. Salvador, Bahia: 11/02/1946. p. 2.

_____. “A defesa da paz exige uma luta sem recuos”. In: *O momento*. Salvador, Bahia: 12/06/1946. p. 3.

_____. “Levar a campanha a todas as casas”. In: *O momento*. Salvador, Bahia: 28/09/1946. p. 3.

_____. “Castro Alves – Guia dos combatentes da liberdade”. In: *Revista Seiva*. Ano III, Outubro de 1942, sessão “História, arte e literatura”. pp. 38-39.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Juventude em Marcha. *O momento*. Salvador, Bahia: 10/09/1945. p. 4.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Ginásio da Bahia. Certificado de conclusão do curso complementar – 2º ano pré-jurídico (1940).

POMAR, Pedro. “O Partido Comunista e a união nacional”. In: *O momento*. Salvador, Bahia: 31/12/1945. p. 2.

REIS, Daniel Aarão. Entre reforma e revolução. A trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943 e 1964. IN: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *História do marxismo no Brasil*, v. 5. Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. pp. 73-108.

SECCO, Lincoln. *Gramsci e o Brasil*. Recepção e difusão de suas ideias. São Paulo: Cortez editora, 2002.